

A PSICOPEDAGOGIA E A AFETIVIDADE: A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO NO SISTEMA DE ENSINO

LUCENA, Maria da Graça¹
SANTOS, Valério Xavier dos²

RESUMO

O artigo disserta em como a psicopedagógica no meio institucional tem como ação a aprendizagem dos alunos frente a escuta e observações. A afetividade proporciona um ambiente melhor para se aprender, trazendo ao ambiente educacional uma harmonia. Desse modo, a construção da aprendizagem sociológica, psíquica e intelectual que fortalece a personalidade e a autoestima relaciona-se no meio social. Assim, quando se fala em educação inclusiva, o profissional psicopedagogo tem como função intervir no ambiente escolar favorecendo o processo de aprendizagem, de modo que se tenha uma intervenção preventiva para se diminuir estes déficits. Para tal pesquisa se fez o questionamento: Qual o papel do psicopedagogo na promoção da afetividade no processo ensino aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizagem e na inclusão? Neste sentido, a afetividade proporciona um ambiente melhor para se aprender, trazendo ao ambiente educacional uma harmonia. Desse modo, a construção da aprendizagem sociológica, psíquica e intelectual que fortalece a personalidade e a autoestima relaciona-se no meio social. Assim, quando se fala em educação inclusiva, o profissional psicopedagogo tem como função intervir no ambiente escolar favorecendo o processo de aprendizagem, de modo que se tenha uma intervenção preventiva para se diminuir estes déficits. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica e qualitativa. Sendo feita uma pesquisa no portal da CAPES, por meio de busca sobre o tema., de publicações já existentes, sendo pesquisadas em livros físicos, teses de doutorado, mestrado e monografias *on line*.

Palavras-chaves: Psicopedagogo institucional. Afetividade. Aprendizagem. Educação inclusiva. Promoção da educação.

1. INTRODUÇÃO

¹ BASSO, Graça Lucena. Aluna de licenciatura em psicopedagogia do centro Universitário internacional UNINTER.

² Professor Orientador.

A psicopedagogia institucional no contexto educacional tem como ênfase a ação da motivação e da afetividade como parte da estratégia a ser aplicada no processo ensino aprendizagem. Diante do contexto atual onde a inclusão já acontece, surge a necessidade de se trabalhar temas que abordam como lidar com ela na educação regular. Se fazendo importante para este pesquisa entender a função da psicopedagogia e a afetividade na promoção da inclusão no sistema de ensino. Desta forma se faz o questionamento: Qual o papel do profissional psicopedagogo na promoção da afetividade no processo ensino aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizagem e a inclusão?

A afetividade proporciona um ambiente melhor para se aprender, trazendo ao ambiente educacional uma harmonia. Desse modo, a construção da aprendizagem sociológica, psíquica e intelectual que fortalece a personalidade e a autoestima relaciona-se no meio social. Assim, quando se fala em educação inclusiva, o profissional psicopedagogo tem como função intervir no ambiente escolar favorecendo o processo de aprendizagem, de modo que se tenha uma intervenção preventiva para se diminuir estes déficits.

Tendo como objetivo geral, analisar a função da psicopedagogia e a afetividade no contexto institucional. E como objetivos específicos: compreender o papel da psicopedagogia institucional; entender a importância da afetividade e seu lugar afetivo no processo ensino aprendizagem e identificar as abordagens psicopedagógicas diante aos conflitos afetivos e a aprendizagem. Desta forma, psicopedagogo institucional realiza seu trabalho dentro do ambiente escolar, tendo como finalidade orientar os alunos a resolverem seus problemas da vida escolar. Além dos alunos, o psicopedagogo pode orientar pais, professores e funcionários da escola.

Desta forma, o ambiente escolar deve propiciar práticas pedagógicas e favorecer experiências que enriqueçam e complementam as ações fora da escola e assim fazer uma análise geral da situação do contexto social e familiar do aluno. A educação requer diversas ações pedagógicas para que a aprendizagem aconteça e promover meios para que a aprendizagem aconteça. O olhar mais atento sobre os problemas de aprendizagem possibilita a observação da intervenção do sujeito e do objeto, relevando a trama dialética da objetividade e da subjetividade na qual o indivíduo está inserido.

Por isso, pode orientar o professor de forma a contribuir com propostas que visam o êxito para o ensino de alunos com dificuldades afetivas, cognitivas ou especiais.

2. O PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL

A psicopedagogia institucional é um trabalho dentro contexto escolar, com o intuito de ajudar e orientar os alunos a definirem seus problemas na vida escolar. Assim como, orientar pais, nos problemas parental. E são profissionais hábitos e capacitados a observar, prevenir, diagnosticar e tratar questões de aprendizagens escolares. (PIVA, 2010).

O estudo da psicopedagogia está associada ao indivíduo que aprende, bem como a psicanálise se ocupa a um indivíduo que anseia e a epistemologia genética de um indivíduo que sabe. De acordo com Fernandez (1992, p.97) “O ponto moral dessa abordagem não se detém a inteligência e o desejo, numa relação com um e outro, que constitui o terreno onde o ensino-aprendizagem acontece”. Desta forma, a autonomia do pensamento, torna-se necessária e acessível a um sujeito com a capacidade humana para o aprender, nisso consiste o estudo da psicopedagogia.

Dentro deste conceito colocado por Fernandez (1992) do trabalho psicopedagógico em relação a sua prática, Cavicchia (1996) ainda comenta:

Este aspecto e de trabalho psicopedagógico requer uma atitude de investigação e de intervenção, própria da abordagem clínica no tratamento das questões pedagógicas, pondo em destaque a importância do diagnóstico nessa tarefa. Do ponto de vista metodológico, a observação aparece como o instrumento principal de trabalho, complementada pelo domínio de referenciais teóricos apropriados à interpretação das situações e/ou fenômenos observados (1996, p.109).

Assim, o estudo da psicopedagogia está relacionado, segundo Botelho e Moreira (2004) no interação entre a pedagogia e a psicologia, devido a carência de atendimento para alunos que eram considerados inadequados dentro do sistema educacional, ou seja, por mostrarem com algum distúrbio de aprendizagem. E como uma segundo possibilidade de estudo, a maneira pela qual se explica o fracasso escolar, por outros meios que não sejam psicológicos e nem pedagógicos.

Desta forma, o estudou se tornou mais amplo dentro do processo de aprendizagem humana, que envolvem fatores pré-subjetivos como: a linguagem, situações neurobiológicas e social, e o fator subjetivo que envolve os processo de construção do entendimento, além das situações efetivas. Assim diante do exposto Botelho e Moreira (2004) trazem que a:

Dificuldade de aprendizagem é um termo amplo que refere-se a um certo grupo heterogêneo de desordens, que se manifestam por dificuldades na obtenção, na aquisição e no uso da audição, da leitura, da escrita, da fala, das habilidades matemáticas. É necessário não se confundir dificuldade de aprendizagem com o fracasso escolar, que embora tenham semelhança na maneira de se manifestarem, pertencem a grupos diferentes. (BOTELHO; MOREIRA, 2004, p.04)

Dessarte, autores supra citados o objeto de estudo da psicopedagogia é o processo de aprendizagem humana, que envolvem os padrões evolutivos patológicos e normais, tendo que levar em consideração a intervenção do meio, ou seja, a escola, família e sociedade, no desenvolvimento de cada sujeito.

O que autores como Botelho e Moreira (2004), Cavicchia (1996) e Piva (2010) concordam que existe uma ligação muito pertinente entre a psicopedagogia e a contexto histórico, desta forma, é importante que este profissional conheça o ambiente no qual o aluno está estabelecido, sendo este o principal ponto para um levantamento das suas carências e necessidades.

Logo a ação psicopedagógica no ambiente escolar é de caráter preventivo e de assessoramento de ações dos profissionais da escola. Para Bossa (1994):

[...] pensar a escola à luz da psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui situações metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade. (BOSSA, 1994, p. 32)

A escola e a sociedade devem ser vistas como algo que se complete, sendo fundamental considerar esta relação. Desta forma a psicopedagogia como área de estudo do processo ensino e aprendizagem, contribui com a escola na incumbência de resgatar o prazer do ato de aprender e da aprendizagem, assim como, verificar se

existe algo além da aprendizagem que esteja dificultando este processo. (CAVICCHIA, 1996).

O estudo da psicopedagogia entende que, para que haja a aprendizagem são necessárias as condições, afetivas, cognitivas, associativas e criativas. Desta forma, se torna importante destacar que o trabalho psicopedagógico, acontece em situação interdisciplinar, para que se entenda as situações que se apresentam. Assim Cavicchia (1996) reforça que, por ser também um trabalho de caráter preventivo, deve se haver o olhar ao professor.

A Psicopedagogia tem algumas linhas de estudo, mas quem merece maior atenção é o argentino Jorge Visca, considerado o pai da Psicopedagogia, que trata da epistemologia convergente, através desta abordagem se conduz a aprendizagem em três áreas, sendo elas: Teoria Psicogenética, Teoria Psicanalítica e a Teoria da Psicologia Social.

Através de muitos estudos a Psicopedagogia se define como a área de conhecimento a qual se aplica o diagnóstico, tratamento e prevenção das dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, o processo de inclusão no contexto educacional, auxiliando o professor em como lidar e trabalhar com o ensino/aprendizagem no ambiente escolar (CONÇALVES, 2007)

2.1. IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO APRENDIZADO: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

As mudanças sociais trouxeram transformações que alteraram as instituições sociais, como a escola. Novos parâmetros aparecem, sendo a inclusão escolar um desses padrões. Porém já não dá mais para pensar na inclusão no sentido de como fazer inclusão. Pois ela existe, está presente e cada o processo escolar trabalhar as diferenças, a fim de enriquecer o aprendizado de todos. A diversidade e a diferença é normal, cada ser humano tem sua identidade, a diferença e a diversidade acontecem todos os dias. Rodrigues, et al, (2004) afirmam que:

A diferença é o estereótipo, o arquétipo atual. Neste artigo, temos como foco tratar todas as crianças com suas particularidades e diferenças, que mostram o nível de desenvolvimento de cada uma, e que fazem cada uma ter sua

singularidade dentro da pluralidade encontrada em sala de aula, no cotidiano escolar. Pensando assim, acreditamos que existe a possibilidade de interferência de outra pessoa para o desenvolvimento ou não do educando, e procuramos na afetividade o elo que favorece a interação social, no ambiente escolar, em especial na sala de aula, em que o educador é o mediador e o facilitador da sociabilidade do educando.(RODRIGUES, et al, 2004, p.03)

Segundo Moyses e Collares (1993, p.13), “Dentro da escola é existem muitos preconceito, juízos prévios sobre os alunos e suas famílias, que independem e não são abalados por qualquer evidência empírica que os refute racionalmente”. Neste sentido, este tipo de situação acaba prejudicando a aprendizagem do aluno que está sob tal situação. Assim, a inclusão está associada ao direito já definido que todos tem dentro do sistema educacional, ou seja, é importante então que haja atitudes que elas percebam que estão incluídas neste ambiente, que se sintam bem dentro do sistema. Para Rodrigues, et al, (2004) “Incluir requer considerar peculiaridades, requer cruzamento de culturas olhar a singularidade de cada um dentro da pluralidade, requer olhar a parte no todo e o todo na parte. Implica, ainda, considerar as crenças, mitos e valores de cada um, bem como considerar as emoções envolvidas no relacionamento.

Neste sentido, estudos dentro da psicopedagogia levam o entendimento que o professor é importante no processo ensino aprendizagem de seu aluno, sendo a afetividade um dos componentes que influenciam esse procedimento. Um agrupamentos de acontecimentos psíquicos que se apresenta sob forma de emoção que motivam sentimentos. A afetividade se encaixa na história genética de indivíduos e tem-se o desenvolvimento da espécie. O ser humano nasce totalmente imaturo, sua permanência requer a necessidade do outro, e essa demanda se traduz em amor. (RODRIGUES, et al, 2004).

Assim a aprendizagem se mostra como uma transformação comportamental que tem como sucede da experiência, sendo assim, é uma maneira de adaptação ao meio. Logo, se apoiando em uma visão vygotskiana, diz que o sujeito internaliza o aprendizado por meio da interação com outros sujeitos e objetos que existem no seu meio sócio-histórico. É fundamental ressaltar a essência da mediação como contexto fundamental no processo ensino aprendizagem. O aluno obtém as capacidades essenciais para sobreviver no convívio afetivo com as pessoas de seu meio

sociocultural, e desta forma se mostra a importância da afetividade para e na aprendizagem. Assim, o professor deve ter sensibilidade e empatia para compreender qual ação mais adequada para o momento da realidade do aluno em certos momentos. (MOYSES; COLLARES, 1993).

Dantas (1994) coloca que deve acontecer a empatia entre docente e aluno, pois isso beneficia o surgimento de uma simpatia correspondente entre ambos. Desta forma, é preciso que o docente tenha claro que o processo aprendizagem e ensino é uma vida de mão dupla, pois vai dele para o aluno e vice versa. Deixando claro que a troca entre o processo de aprendizagem é fundamental, pois provoca a afetividade entre as partes. Assim, Rodrigues, et al, (2004), coloca:

Buscar, portanto, uma maior aproximação afetiva como o aluno, também através do diálogo e até mesmo, citando seu nome algumas vezes e fazendo perguntas, entre outras manifestações de interesse, mostra uma atitude afetiva para com ele, o que, de certa forma, faz o aluno se sentir motivado para realizar as atividades escolares. A afetividade influencia na construção do conhecimento, pois o tempo, no qual a aprendizagem de conteúdo se processo, depende do clima afetivo na sala de aula. (RODRIGUES, et al, 2004)

Desta forma, a afetividade fica difícil de entender. Ela fica entre o mal estar e o bem estar, ou seja, a afetividade que torna a aprendizagem positiva a que dá espaço para a afetividade, que permite o escutar, o falar no intuito de entender o outro, existindo uma predisposição a diferentes momentos e situações. O professor pode dar apoio ao educando e ajudá-lo em seus bloqueio emocionais em determinados conteúdos, sendo necessário estimular as competências emocionais de seus educandos, Desta forma, o professor deve, ter meios que possibilitam seus alunos a sentirem que aprenderam, e que na verdade aprenderam. (DANTAS, 1992).

O bem estar emocional possibilita, que o aluno, faça a relação entre o que é ensinado e os sentimentos que o ajudem a sentir o aprender. Por isso, o professor deve tornar-se empático, pois será capaz de sentir os sinais dados pelo seu aluno e trocar os fatos negativos em positivos e assim ensinar significa mente. Sendo que o processo educacional no qual o aluno está inserido desde a educação infantil, levam a um caminho de descoberto e conhecimento do novo. Desta forma a educação assume um papel muito maior do que um simples ensinar. Conforme Santana (2010) comenta “[...]”

é algo muito mais abrangente, significando um processo continuado de aprendizagem, um aprender a aprender, que não termina com os ciclos de ensino na Constituição Federal ou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.” Desta forma, é importante pensar em uma educação envolvida com o aluno, enquanto individuo do processo educacional e de aprendizagem, merecedor de uma escola crítica.

Segundo Santana (2010) é importante verificar e discutir que tipo de aluno se constituir, para que se discuta as capacidades que precisam ser empregadas, assim, respeitar se pensar em como então trabalhar este aluno em sala de aula. Pois neste caso envolve aluno e professor, existindo quatro pilares e habilidades que são apresentadas.

Em uma visão psicopedagógica voltada para a pedagogia, não se exerce uma prática pedagógica mediada pelo afeto, se não tiver um interesse para quem se fará a aprendizagem. Neste sentido Santana (2010) apresenta os quatro pilares da seguinte forma:

Aprender a conhecer – É necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir o conhecimento para que não seja efêmero, para que se mantenha ao longo do tempo e para que valorize a curiosidade, a autonomia e a atenção permanente. É preciso também pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar.

Aprender a fazer – Não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessidade ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de certa dose de risco, saber comunicar-se e resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas.

Aprender a conviver – No mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prezar no esforço comum.

Aprender a ser – É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. (Santana, 2010, p. 22)

De acordo com os quatro pilares do conhecimento, o processo ensino aprendizagem a educação voltadas a esses pilares devem contemplar: a relação deve associar o tema com a experiência de vida do estudante e de outros atores dentro

contexto atual, desenvolver o senso de pergunta nos alunos, propiciar uma ação dialógica professora/alunos, cercar o aluno num procedimento que o leva a consequências, resultados, compromisso com a prática, ofertar um método autonomia para a aprendizagem, utilizar o lúdico quando preciso para auxiliar o processo inicial da alfabetização, da matemática ou até mesmo de um texto. (SANTANA, 2010)

Desta forma, ao ensinar com afeto, isso torna a aprendizagem mais humana e mais significativa, e diferente de como alguns pensam, não é uma pedagogia que não tem compromisso com a competência e qualidade. Pelo contrário, poder ouvir o aluno se entende sua singularidade e a maneira como ele pensa e enxerga as coisas, assim possibilita a sua aprendizagem.

A psicopedagogia institucional não trata apenas do aluno no ambiente escolar e nem somente em auxiliar e orientar o professor e coordenação. Os pais também são ouvidos e procurados para uma conversa momentos importantes da vida escolar dos filhos. Pois a afetividade faz parte do contexto familiar, que atualmente muitos estão deixando a desejar pela vida corrida que a sociedade atual impõem as famílias. Segundo Santana (2010) comenta:

Esta realidade está levando a maioria das famílias a esquecerem o sentimento de afetividade entre seus membros. E muitos pais desejam para seus filhos progresso físico e intelectual e, uma escola que propicie bons conteúdos de aprendizagem, acreditando que com isso, todos os problemas estarão e serão resolvidos. Mas, eles esquecem que educação das emoções não é menos importante do que a do corpo e mente. (SANTANA, 2010, p.23).

Desta forma, é importante que a família participe do processo de desenvolvimento e de ensino de seu filho, demonstrando o quanto ela se preocupa e está atenta no desenvolvimento de seu filho junto a escola.

2.2 A RELAÇÃO AFERTIVA: A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA RELAÇÃO DOCENTE/DISCENTE, FAVORECENDO A APRENDIZAGEM DO ALUNO INCLUSIVO.

O papel do psicopedagogo se diferencia de outros profissionais, pelo seu valor social, pela sua natureza, pelo seu valor cognitivo e afetivo. O psicopedagogo tem um trabalho complexo, pois se leva em consideração o aluno em sua característica individual e suas necessidades diferentes. De acordo os pensamentos vão se ampliando e o mundo mudando, através da inovação tecnológica e de comunicação global, a diversidade e problemas vão se juntando para o profissional psicopedagogo que necessita se ajustar as novas exigências que propiciam a aprendizagem do conhecimento e permeando intervir no processo de aprendizagem no contexto educacional. (BOTELHO; MOREIRA, 2014).

Para Santana (2010), o autor leva em consideração que a escola:

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do Psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas. Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino. (BOTENHO; MOREIRA, 2014, p. 02)

No ambiente educacional se pensa muito a questão da relação professor e aluno no processo de aprendizagem. Assim o professor se torna o grande agente desse processo e a natureza de qualquer instituição de ensino. Por mais que se empregue dinheiro em laboratórios, quadras, espaço físico adaptados, entre outros que são importantes também, é o professor que remete a relação afetiva, ainda é o maior capital que se deve ter na escola para que se alcance os objetivos. (SANTANA, 2010)

Desta forma, não se deve desassociar a imagem de aprender da imagem de associação desejo e afetividade. Pois quando um professor passa a ser mais que um simples docente, se perceber um maior vínculo entre ele e o aluno, sendo importante para uma aprendizagem prazerosa e produtiva. Se tratando da escola atual que é inclusiva, o aluno não precisa desse olhar, desse envolvimento. Este vínculo afetivo definido em sala é fundamental para que ao aluno aprenda, o que evidencia a presença constante da afetividade nas relações professor e aluno, tal fato acontece pois, conforme Chalita (2003):

Para mim, não temos que ser apenas professores e sim abraçar a cada aluno de maneira especial, pois cada um é diferente do outro e esse olhar especial, diferenciado que vai ao encontro das necessidades específicas, daquele aluno específico, fará toda a diferença. Muitas vezes meus alunos relatam coisas que servem de "ferramentas" para que eu possa ajudá-los, fico sabendo assim, porque muitas vezes está com dificuldades e os seus rendimentos baixaram. Não é algo de vivenciar em uma sala cheia de alunos. (CHALITA, 2003, p.45)

Assim, se torna importante que o professor traga a confiança nos alunos, um ambiente favorável, tendo como início um espaço acolhedor. O ambiente da sala pode ser bem simples, o que torna a aprendizagem mais efetiva é o ambiente acolhedor, pois para ensinar é necessário entender que o aluno já vem com certo conhecimento e este deve ser considerado na hora de ensinar e aprender. Este processo tem como panorama, o ambiente escolar, que por sua vez deve ser benéfico para que tudo aconteça de forma natural, porém que seja significativo para o aluno aprender com qualidade. (SANTANA, 2010).

Aprender tem que fazer sentido na vida das pessoas, pois o progresso e a evolução humana que tem como base o pensamento de um organismo dinâmico. Desta forma Botelho (2004) afirma:

[...] a criança cria internamente uma tarefa externa como consequência dos processos interativos que vão acontecendo ao longo do tempo, pois o aluno aprende tanto junto à família, quanto com o comportamento e postura do professor, por isso ela precisa ser estimulado e ser encorajada com exemplos positivos, dentro e fora da escola. (BOTELHO, 2004)

Desta forma, o psicopedagogo institucional, difere do psicopedagogo clínico em sua abordagem, pois este direciona sua ação na questão preventiva, percebendo prováveis desordem no processo de aprendizagem, se envolve em dinâmicas das interações da comunidade educacional a fim de beneficiar o processo de troca e integração; dar orientações técnicas e metodológicas, conforme as particularidade dos indivíduos e grupos, favorecendo e reconhecendo os obstáculos, revelando uma posição de investigação e intervenção. (BOSSA, 1994)

Segundo Santos (2016., p.11) comenta, sobre a importância de se resgatar a vontade dos alunos em aprender e dos professores de ensinar: "É uma das possibilidades de humanizarmos a escola, pois, é o desejo que nos marca como seres humanos". Porém, o sistema educacional está organizado de acordo com as linhas de

bases da sociedade na qual insere, logo, não é do tipo de escola que gera uma certa sociedade, mas, uma sociedade que gera um certo tipo de escola.

Desta forma, o trabalho do psicopedagogo institucional se faz pertinente, ele está organizado de maneira a propiciar o desejo de aprender, promover a autoestima, aumentar o olhar e a escuta, edificar projetos e propiciar que se façam, sendo estes uma das funções da psicopedagogia. (SANTOS, 2016):

Ainda nas contribuições da importância da afetividade para as relações em sala de aula, procedentes do campo da Psicologia Sócio Histórica, Vygotsky, estudando o papel psicológico que a afetividade exerce no desenvolvimento da criança, nos chama à atenção para a investigação das necessidades dos alunos, suas motivações e tendências que se manifestam e como elas se satisfazem em sala de aula. Desta forma, segundo Vygotsky, seria possível compreender os avanços nos diferentes estágios de desenvolvimento da criança, especialmente com a mediação de estímulos adequados, podendo ser de ordem cognitiva, social e afetiva. (SANTOS, 2016, p. 15)

Neste sentido, se verifica o quanto a psicopedagogia institucional pode e deve aplicar, manusear e empregar técnicas próprias, sendo essa uma ciência interdisciplinar, utiliza-se o lúdico como instrumento de intervenção e ação no processo de aprendizagem, colaborando de forma potencializadora nas relações professor e aluno.

2.3 METODOLOGIA

Durante as aulas pode-se ver a importância do psicopedagogo em vários ambientes como hospitais, empresas, escolas e outros. Neste sentido, as aulas trouxeram uma reflexão para a função do psicopedagogo no ambiente escolar. Além da importância da afetividade que é fundamental para o desenvolvimento no processo ensino aprendizagem.

A metodologia é um elemento importante para a pesquisa científica que se deseja elaborar, por encaminhar a investigação e as fases a serem cumpridas, como ensinam Lakatos e Marconi (2003).

Em relação à abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa. Segundo Vergara (2000) nesse tipo de abordagem não necessita a utilização de técnicas estatísticas, mas há uma relação dinâmica do mundo real e do sujeito.

Este trabalho é uma pesquisa analisar a importância da afetividade e os processos de aprendizagem, em uma perspectiva psicopedagógica institucional, conforme enfatiza Vergara (2000), é o tipo de pesquisa que se pretende conhecer os principais aspectos de um assunto, como neste estudo em que se buscou averiguar como a psicopedagogia intervém junto os vínculos afetivos educacionais e familiares, frente ao processo de inclusão do contexto educacional.

Para a coleta de material bibliográfico, foram visitadas bibliotecas, fez-se a aquisição de livros, consultas em bancos de dados da *Internet*, considerando a fidelidade dos *sites* e materiais publicados, como em artigos científicos e órgãos governamentais. Em que posteriormente, realizou-se uma triagem do material encontrado e o fichamento dele.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de evidenciar a importância da psicopedagógica no meio institucional tem como ação a aprendizagem dos alunos frente a escuta e observações, por meio do levantamento bibliográfico para a construção deste estudo.

Pode verificar que o psicopedagogo institucional realiza seu trabalho dentro do ambiente escolar, tendo como finalidade orientar os alunos a resolverem seus problemas da vida escolar. Além dos alunos, o psicopedagogo pode orientar pais, professores e funcionários da escola.

Desta forma, a ação psicopedagógica requer uma atitude de investigação e de intervenção, própria da abordagem clínica no tratamento das questões pedagógicas, pondo em destaque a importância do diagnóstico nessa tarefa. Assim, é fundamental favorecer experiências que enriqueçam e complementam as ações fora da escola e assim fazer uma análise geral da situação do contexto social e familiar do aluno.

Desta forma, pode-se concluir que; a educação requer diversas práticas pedagógicas para que a aprendizagem aconteça, pois, cabe aos professores promover meios que estimulem essa aprendizagem. Porém, o psicopedagoga tem um papel

importante neste processo, junto aos professores, o psicopedagogo pode orientar o professor, contribuindo com propostas que visem o êxito para o ensino de alunos com dificuldades afetivas, cognitivas ou especiais.

Assim, denota-se que os resultados obtidos não concede a generalização para o universo institucional, mas perceber algumas propensões que podem ser uteis para estudos mais profundos. Abrindo a oportunidade e sugestões para futuras investigações na área educacional, assim como, dar continuidade aos estudos e permitir a troca de conhecimento entre acadêmicos e profissionais.

REFERÊNCIAS

BOSSA, N.A. **A psicopedagogia no Brasil**: construções a partir da prática, RS: Artmídia, 1994.

BOTELHO, S.B. MOREIRA, M.A.A. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar**. 2004. Disponível em: <http://www.minerva.edu.py/archivo/11/7/ARTIGO%20SIDNEIA%202.pdf>. Acesso em: 10/set.2021.

CAVICCHIA, D.C. **Psicopedagogia na instituição educativa**: a creche e a pré-escola. In: SISTO, Fermino Fernandes; et al. Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor**: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2003.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDEZ, A. A. **Inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

GONÇALVES, L.S. **Psicopedagogia**: Formação, identidade e atuação profissional, 2007, disponível em <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/monografias/Luciana%20dos%20Santos%20Goncalves.pdf>>. Acesso em 10 nov/2021.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MOYSÉS, M. & COLLARES, C.: **Alfabetização: passado, presente, futuro**. Revista Ideias. São Paulo: nº 19, 1993.

PIVA, J.E.de M. **Psicopedagogia e a influência da afetividade no processo-aprendizagem**. 2010. Disponível em https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/e4009326097b8ed3a056965fe86fc942209_1.pdf. Acesso em: 10/set.2021

RODRIGUES, J.A. et al, A afetividade como ferramenta no processo de inclusão escolar. 2004. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA10_ID175_03092019164804.pdf. Acesso em 10/set.2021

SANTANA, E.C.C.P. **Afetividade e aprendizagem sob uma abordagem psicopedagógica**. 2010. Disponível em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205935.pdf. Acesso em 12/set.2021

SANTOS, J.B. dos. **Afetividade e processo de aprendizagem: uma perspectiva psicopedagógica institucional**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2700/1/JBS24112016.pdf>. Acesso em 08/set.2021

VERGARA, Sylvia. C. **Métodos de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2000.